

Qualificação profissional e educação não formal: A visão dos egressos de uma ONG carioca direcionada ao mundo dos espetáculos¹

Antonio José de Figueiredo Pinto²
Wânia Regina Coutinho Gonzalez³

Resumo

O objetivo desse artigo é analisar as ações educativas oferecidas por uma instituição do terceiro setor voltada ao mundo do espetáculo a partir da visão dos seus egressos. As questões norteadoras da investigação foram as seguintes: a) Como o egresso avalia as contribuições da ação educativa de qualificação profissional realizada pela instituição? b) As competências previstas no projeto pedagógico da ONG colaboraram na perspectiva do egresso, para o mercado de trabalho? c) Na visão do egresso, como se deu a construção do processo de cidadania após os processos de educação? d) qual o nível de reconhecimento dos egressos sobre a contribuição do curso para sua formação? O Artigo privilegiou os conceitos de educação não formal à luz de Gohn (2010) e nos relatórios da UNESCO. As contribuições das ações educativas para o exercício de cidadania dos seus participantes foram cotejadas com as abordagens de Demo (1995). O conceito de terceiro setor foi descrito por Montaño (2005). Para a qualificação profissional, a investigação privilegiou os conceitos descritos por Cattani (1997), Ferreti (2004) e Singer (1996). No que se refere à conceituação de competências, essa investigação priorizou as abordagens de Deluiz (2001) e Kuenzer (2003). No que tange aos procedimentos metodológicos, foram realizadas entrevistas semidirigidas com a coordenação pedagógica da ONG e distribuídos questionários via e-mail a 256 egressos e obtivemos o retorno de 69 respondentes.

Palavras-chave: Educação não formal; Terceiro setor; Qualificação profissional; Competências; Egressos.

Abstract

¹ O presente estudo é parte de uma dissertação de Mestrado em Educação apresentada à Universidade Estácio de Sá em 31 de agosto de 2013.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Universidade Unigranrio

³ Docente do Mestrado em Educação e Cultura das Periferias Urbanas da UERJ/ FEBF e do Mestrado Acadêmico em Educação e Cultura Contemporânea da Universidade Estácio de Sá.

The objective of this article is to analyze the educational activities offered by a nonprofit institution dedicated to the entertainment world from the view of its graduates. The guiding questions of the investigation were the following: a) Since the egress evaluates the contributions of educational activity of professional qualifications undertaken by the institution? b) The powers provided for in the pedagogical project of the NGO collaborated to egress perspective to the job market? c) In view of egress, as has the construction of the citizenship process after the education process? d) what is the level of recognition of the graduates of the course's contribution to your training? Article favored the non-formal education concepts in the light Gohn (2010) and UNESCO reports. The contributions of educational activities for the exercise of citizenship of the participants were collated with Demo (1995) approaches. The concept of third sector was described by Montano (2005). For the qualification research focused the concepts described by Cattani (1997), Ferreti (2004) and Singer (1996). As regards the concept of this investigation powers prioritized approaches Deluiz (2001) and Kuenzer (2003). Regarding the methodological procedures were carried out semi-structured interviews with pedagogical coordination of the NGO and distributed questionnaires via e-mail, the 256 graduates and obtained the return of 69 respondents.

Keywords: Non-formal education; Third Sector; Professional qualifications; Skills; Graduates.

A necessidade de pesquisas sobre as temáticas do terceiro setor, a educação não formal e a avaliação dos egressos se faz urgente pela carência de estudos neste campo que ainda é pouco explorado. No Banco de teses da CAPES, tendo como base a produção de mestrado e doutorado entre 2007 até 2010, estão disponíveis 170 pesquisas com o parâmetro da palavra-chave *educação não formal*. Com a palavra-chave *terceiro setor*, no mesmo período, houve 253 pesquisas de mestrado e 132 de doutorado.

Não foi encontrado nenhum trabalho de mestrado nem de doutorado que relacionasse os temas educação não formal e terceiro setor, ouvindo os egressos como os principais interessados nas ações educativas, o que comprova a carência de estudos sobre o tema, implicando, assim, bastante relevância acadêmica, podendo contribuir para a temática estudada e para o preenchimento das lacunas dos estudos em questão.

Queremos verificar, portanto, se a concepção de educação descrita pela organização do terceiro setor pesquisada é compatível com a visão que o egresso tem acerca da ação educativa realizada pela respectiva ONG.

Tivemos como objetivos:

1. Analisar as contribuições para a qualificação profissional na perspectiva dos egressos dos cursos oferecidos por uma ONG da área de espetáculos.
2. Analisar se os processos de educação não formal, na perspectiva do egresso, desenvolvem competências que possibilitem seu ingresso no mundo do trabalho e na construção de cidadania.
3. Identificar aspectos positivos e negativos da ação educativa da educação não formal na avaliação do egresso.

As questões que norteiam este estudo são:

1. Como o egresso avalia as contribuições da ação educativa de qualificação profissional realizada pela ONG?
2. As competências previstas no projeto pedagógico da ONG colaboraram na perspectiva do egresso, para o mercado de trabalho?
3. Na visão do egresso, como se deu a construção do processo de cidadania após os processos de educação?
4. Qual o nível de reconhecimento dos egressos sobre a contribuição do curso para sua formação?

Para responder às questões e aos objetivos dessa pesquisa, adotou-se como procedimento metodológico a divisão da pesquisa em três etapas: a definição do quadro teórico conceitual, a pesquisa de campo, análise documental e de dados. A definição do quadro teórico conceitual foi caracterizada pela discussão e identificação das categorias de análise necessárias à construção do objeto, conforme Deluiz (2002), pretendendo-se construir um quadro conceitual que oferecesse base para a discussão sobre o terceiro setor, educação não formal, qualificação profissional, conceito de competências, delineando assim um referencial que orientasse a análise das questões apresentadas na pesquisa.

Na pesquisa de campo, também foram realizadas entrevistas semidirigidas com a coordenação pedagógica da Spectaculu, e as perguntas foram formuladas para que o foco nos objetivos desse trabalho fosse atendido, com o cuidado de deixar o

entrevistado à vontade, conforme Rizzini et al. (1999) e formulando questões que pudessem estar em estreita relação com o problema de pesquisa.

Foram também distribuídos questionários para que os egressos pudessem responder questões que possibilitassem elucidar o proposto nesta pesquisa. Abordamos a situação socioeconômica, início e fim do curso, nível de escolaridade, razão pela escolha do curso, nível de satisfação com o curso e com a ONG, se o egresso percebeu as competências que a ONG propôs desenvolver através também das perguntas abertas, se aconteceu e como se deu o aprendizado do conceito de cidadania e sua prática e a opinião do aluno sobre o curso (disciplinas, professores, orientador, dificuldades e objetivos).

Para estabelecer contato com egressos, recebemos da ONG uma lista com 56 nomes onde constavam nome, telefone, endereço, e endereço eletrônico. No entanto, na tentativa de aproximação com os egressos, verificou-se que a relação de nomes estava desatualizada. Tentamos junto à ONG nova lista sem obter sucesso, então decidimos pesquisar nas redes sociais, pois devido à faixa etária do egresso, avaliou-se que seriam mais fáceis a identificação e o contato. Encontramos um perfil no Facebook e também encontramos nessa mesma rede um grupo aberto pela própria coordenação pedagógica para os alunos.

Utilizando a ferramenta de busca na rede social, conseguimos, então, 256 egressos da ONG. Fizemos contatos com todos eles. Recebemos como resposta a decisão de participar da pesquisa de 154 egressos, enviamos o questionário para os e-mails que foram sendo informados, e recebemos retorno de 71 questionários no prazo de 24 de abril de 2013 até 25 de maio de 2013, mas com dois questionários em branco. Portanto, essa amostra é de 69 alunos egressos.

Vale a pena ressaltar que o total de participantes desse grupo na rede social mencionada é de 685 membros, mas os contatos realizados foram de 256 que se deve ao fato da falta de acesso pelos seus donos, o que talvez signifique que, apesar de terem aula de aspectos tecnológicos e de inserção social, a maior parte desse grupo (429 alunos) possivelmente não tinham acesso. Aponto ainda que muitos dos interessados em participar da pesquisa, não o fizeram pelo fato de não terem acesso fácil à internet, acessando somente do trabalho, em horários pré-determinados.

A ONG pesquisada é uma organização sem fins lucrativos. Criada em 2000, reúne jovens de mais de 90 comunidades da periferia do Rio de Janeiro, incluindo Baixada Fluminense, Niterói e arredores. A ONG tem como missão integrar o adolescente em situação de vulnerabilidade social, trabalhando sua consciência crítica, autoestima e direitos através de conhecimentos em arte e da preparação para o mercado de trabalho, oferecendo oficinas técnicas gratuitas de qualificação profissional e construção cidadã a jovens de 17 a 21 anos, da rede pública de ensino e moradores de áreas de vulnerabilidade social.

Na época da pesquisa, a ONG estava construindo seu projeto pedagógico, mas tem um plano de trabalho que funciona como condutor do seu processo de coordenação pedagógica. Os objetivos gerais que constam desse plano de trabalho estão voltados à promoção de oportunidades de crescimento pessoal através da arte, realizando capacitação profissional e formação ética, estética e política, buscando também desenvolver potencialidades e condições favoráveis ao desenvolvimento técnico e cognitivo dos jovens, a fim de prepará-los para inserção no mundo do trabalho, viabilizando a realização de seus projetos de vida.

O Perfil do nosso egresso é composto de jovens que moram em áreas mais carentes da cidade do Rio de Janeiro, a maioria dos egressos dessa pesquisa é do sexo masculino, com faixa etária entre 17 – 22 anos, com ensino médio completo, com rendimento de dois salários mínimos. A maioria está inserida no mercado de trabalho, embora não seja na área de qualificação da ONG, e reside em áreas carentes do Rio de Janeiro e procurou o curso para aumentar seus conhecimentos.

De acordo com a coordenação da ONG, é uma exigência que os alunos tenham o ensino médio. A ONG fomenta que os alunos valorizem os processos de educação formal, mas se verifica ainda que houve 15,9 % de egressos que não terminaram o ensino médio e que 49.3% concluíram.

Deluiz, Gonzalez e Novicki (2006) afirmam que essa realidade reforça a ambivalência entre educação geral e a educação técnico-profissional e a separação entre concepção e execução, pois sem a ampliação da base da educação geral, os trabalhadores recebem uma formação insuficiente pela rápida obsolescência de conhecimentos, sem os aprofundamentos necessários.

Dentre os 40 alunos que continuam estudando, 21 estão fazendo curso superior, 11 egressos estão terminando o ensino médio, 8 fazem cursos de qualificação profissional em outras áreas, já que o nível de inserção na área de formação oferecida pela ONG é baixo.

Possuem renda de dois salários mínimos 40,9 %, o que confirma a visão de Deluiz, Gonzalez e Novicki (2006) quando afirmam que o público-alvo das ações educativas no terceiro setor tem sido constituído pela população de baixa renda. Ressalto aqui que, apesar de todos os egressos possuírem rendimento, 27 egressos (40,90%) têm rendimento ligado à renda familiar e não por atividade laboral.

Deluiz, Gonzalez e Novicki (2006) afirmam que essa realidade reforça a ambivalência entre educação geral e a educação técnico-profissional e a separação entre concepção e execução, pois sem a ampliação da base da educação geral, os trabalhadores recebem uma formação insuficiente pela rápida obsolescência de conhecimentos, sem os aprofundamentos necessários.

Com relação à utilidade que do que aprenderam no curso para sua inserção profissional, 61 % dos egressos avaliam como muito boa, mas não ajudou na sua colocação no mercado de trabalho que, conforme Antunes (2005) é um mercado exclusivo, heterogêneo, fragmentado e complexo. Para Sennett (1999), o conhecimento na especialização flexível é um bem valorizado e, por esta razão, todos são conclamados a uma qualificação perene, mas o conhecimento adquirido acaba sendo altamente descartável, porque o mercado de trabalho é extremamente exigente.

Pochmann (2002), Hobsbawn (1995) e Antunes (2005) apontam que, na década de 1990, o mercado de trabalho se apresenta de forma desestruturada, e a mão de obra especializada e qualificada passa a ser uma necessidade da empresa devido à decadência de alguns setores e o surgimento dos novos setores, excluindo assim trabalhadores que não tinham o perfil delineado para essas mudanças, o que cria uma situação estrutural de desemprego e a necessidade de qualificações urgentes e constantes.

No Brasil, as políticas de emprego, trabalho e renda são estruturadas para inclusão social e crescimento com geração de trabalho. A inclusão social é o veículo de construção de cidadania como uma condição dada para quem consegue se inserir

em uma comunidade e, dessa forma, se relacionar com o Estado, definindo os direitos e deveres pertinentes a essa condição.

A inserção no mercado de trabalho concede um status de cidadania social após essa colocação, que Gohn (2010) define como um dos objetivos da educação não formal que deve capacitar para a cidadania, portanto, para a inclusão social. Contudo, se faz necessário observar que a cidadania não pode ser regulada, condicionando a questão do ser cidadão a uma inserção no mercado.

Além disso, a qualificação profissional pode também abrir caminhos para conhecimentos técnicos, que segundo Cattani (1997), talvez tenha características adestradoras e sirvam para adaptar o indivíduo ao posto de trabalho dentro de uma perspectiva capacitadora, instrumentalizando as ações educativas com a visão produtivista. Segundo Singer (1996), é necessário pensar que tipo de qualificação profissional o jovem pesquisado necessita obter para a sua inserção de forma menos pragmática.

Para Ferreti (2004), a formação deve ser menos essencialista e não somente técnica ou profissional, na qual teoria e prática não deveriam ser dissociadas, colocando a formação geral e a formação profissional num processo de convergência. Trilla (2008) entende que essa formação geral e formação profissional têm uma relação de reforço com a educação não formal e que Gohn (2010) também reconhece sua função para a educação direcionada para o mundo do trabalho.

Talvez seja por esse motivo que a maioria (32%) avalia como regular a utilidade do que aprendeu como instrumento de inserção no mercado, até porque verificamos que a renda dos egressos não está relacionada às habilidades técnicas aprendida na ONG, mas 42 % afirmam que a técnica aprendida foi importante para o trabalho que exercem.

O Gerenciamento de tempo se relaciona com as competências organizacionais ou metódicas que, segundo Deluiz (2001), são a autogestão da forma que possa se organizar criando seus próprios métodos, gerenciando seu tempo e espaço de trabalho que 38% dos egressos reconhecem como um aspecto favorável ao exercício de sua função profissional, mas não teve utilidade para sua colocação nesse mercado. Quarenta e um por cento reconhecem que a renda aumentou depois do curso, embora 59% obtêm renda de áreas diferentes da formação recebida.

A participação em processos de qualificação profissional é fator determinante para galgar uma condição satisfatória no mercado de trabalho, mas adverte que se verifica um número crescente de jovens ocupando postos inferiores ou diferentes de sua qualificação.

A educação não formal tem como premissa desenvolver a aprendizagem para o mundo do trabalho, promovendo competências e colaborando no desenvolvimento de processos de cidadania, que segundo Gohn (2010), servem para desenvolver sentimentos de pertencimento ao meio social como portador de direitos.

A promoção de competências não substitui o conceito de qualificação profissional, mas complementa o modelo de qualificação que não pode ter a perspectiva essencialista, pois, dessa forma reduz o conceito de competências a um serviço produtivista conforme Singer (1996).

Os egressos (64%) reconhecem que, depois do curso, foram desenvolvidas competências comportamentais que, segundo Deluiz (2001), são as possibilidades de desenvolver iniciativa, criatividade, vontade de aprender, estarem abertos às mudanças, e ter consciência da qualidade e das implicações éticas do seu trabalho, provocando o envolvimento da subjetividade do indivíduo na organização do trabalho.

As formações das competências organizacionais e das competências comportamentais são, portanto, uma alternativa que possibilite a inserção, pois, segundo Castel (1998), os postos de trabalho são ocupados por indivíduos mais qualificados, mostrando que o grau de qualificação oferecido às vezes não condiz com a dificuldade da vaga ofertada.

A renda se relaciona com a produtividade e, mesmo quando a renda dos egressos não vem exatamente da área em que foi qualificado, mostra que, ainda assim, a educação profissional se configura como ferramenta de ajuste social no aumento de renda, relacionando a empregabilidade e a competitividade com educação profissional.

Com relação ao descrito acima, Pochmann (2002) defende o posicionamento de que a elevação do nível de qualificação e de escolaridade garante maior renda, mas não garante a colocação nas posições de emprego, e menos ainda que as funções exercidas garantam os níveis de renda.

Para analisar se os processos de educação não formal, na perspectiva do egresso, desenvolvem competências que os instrumentalizem para o mundo do trabalho e, na construção de cidadania e buscando responder se as competências previstas no plano de trabalho da ONG instrumentalizaram para o mercado de trabalho, questionamos a avaliação dos ex-alunos sobre a estrutura do curso (gráfico 10) e sobre a sua percepção a respeito do desenvolvimento de competências: (gráfico 11)

Referente ao curso, procuramos identificar aspectos positivos e negativos na avaliação dos egressos e vimos que 54% dos egressos avaliaram como muito positiva a carga horária do curso para aprendizagem e desenvolvimento de habilidades e os estágios propostos. Com relação aos equipamentos, os instrumentos utilizados na atividade pedagógica, 37,9% declaram que foram muito satisfatórias e 36,4% como satisfatórias. As formas de avaliação utilizadas também foram satisfatórias para os egressos, conforme quase a metade dos respondentes (48,5%), assim como a quantidade de aulas práticas, visitas, entrevistas e palestras com profissionais da área.

Para os egressos, a educação não formal que Trilla (2008) classifica como metódica e que se divide por classe de conhecimento, requer tempo e local específico, currículo, mas não tem sistematização ou regulamentação legal. É intencional e pode desenvolver uma série de processos, tais como: consciência e organização de como agir em grupos coletivos; construção/reconstrução de concepções de mundo e sobre o mundo; forma o indivíduo para a vida e para suas adversidades; resgata o sentimento de autovalorização, qualificação profissional, e atividades extracurriculares na própria escola.

Dessa forma, 34,8 % dos egressos informam que ficaram muito satisfeitos quando tiveram a oportunidade de resolver os problemas que ocorrem cotidianamente e 39,4 % somente satisfeitos, e o que Kuenzer (2003) define como competência é a capacidade de resolver um problema em uma situação dada, a capacidade de mobilizar conhecimentos. O autor se baseia nos resultados que se deseja obter através desta mobilização.

A partir desta definição, já se estabelece a necessidade de articular conhecimentos teóricos e práticos, pois, caso contrário, não se consegue estabelecer

a visão de práxis da competência, que “é a atividade teórica e prática que transforma a natureza e a sociedade. Prática, na medida em que a teoria, como guia da ação, orienta a atividade humana; teórica, na medida em que esta ação é consciente”. (VAZQUEZ, 1968, Apud KUENZER, 2003, p. 17).

Quando se questiona o desenvolvimento da confiança em si mesmo, 63% dos egressos respondem de forma muito satisfatória à observação dessa habilidade após o término do curso e 59,1 % também afirmam que desenvolveram e melhoraram de forma muito satisfatória sua criatividade.

Segundo o plano de trabalho, devem ser desenvolvidas as competências pessoais para que, através da apreciação artística e o “fazer criativo”, pudessem propiciar aos alunos o autoconhecimento para as melhores escolhas na vida com segurança e autoconfiança, o que Deluiz (2001) denomina de competências organizacionais ou metódicas dentro da perspectiva do autoplanejamento e da auto-organização, sendo a confiança em si mesmo e a criatividade os resultados desse processo e o aumento da competência comunicativa, pois a autoconfiança e a criatividade propiciam a melhora das relações interpessoais.

Com relação aos processos relacionais no trabalho ou com o grupo de estudo, 57,6 % se declaram muito satisfeitos com os resultados após o curso, 72,4 % manifestam a vontade de continuar estudando e ainda 48,4% informaram que passaram a ler jornais, revistas e buscar informações na internet.

Este fato pode significar que as competências relacionais descritas pela ONG e as competências comunicativas e comportamentais descritas por Deluiz (2001) são reconhecidas pelo egresso em seu cotidiano após o curso, assim como a melhora das relações com amigos e nas redes sociais, que foi, na opinião de 54,5%, muito satisfórias.

As competências políticas descritas por Deluiz (2001) não se relacionam com as competências descritas pela ONG em seu plano de trabalho, talvez porque os processos de construção de cidadania pudessem ser mais explicitados, bem como a noção de direitos e deveres cívicos no espaço coletivo.

A contribuição do curso para a profissão atual, ou seja, em exercício, foi muito satisfatória na opinião dos egressos, pois foi de 45,5 %. Além disso, observamos as

competências intelectuais e técnicas, que Deluiz (2001) define como a capacidade de transferir e generalizar os conhecimentos.

As competências cognitivas se traduzem no exercício coletivo, buscando soluções para as situações propostas, relacionadas à criação e à construção dos produtos artísticos, fazendo uma relação com o que Deluiz (2001) denomina competências intelectuais e técnicas. Tal competência também é definida como capacidade de reconhecer e definir problemas, equacionar soluções, pensar estrategicamente, introduzir modificações no processo de trabalho, atuar preventivamente, transferir e generalizar conhecimentos.

Objetivando analisar as contribuições para a qualificação profissional na perspectiva dos egressos dos cursos oferecidos pela ONG, esse trabalho questiona como o egresso avalia as contribuições da ação educativa de qualificação profissional realizada pela Spectaculu. Nos 69 questionários, 66 egressos responderam essa questão e 3 deixaram em branco.

Foram seis egressos (9%) que não trabalham ainda e 6 egressos (9%) que não reconhecem nenhuma contribuição do curso, porque não houve a inserção no mercado de trabalho, e alguns declaram que o curso não serviu para nada. Vinte e quatro por cento dos egressos afirmam que reconhecem as contribuições da formação recebida, embora não esteja diretamente ligada à prática profissional.

Ao categorizar as respostas, verifica-se o desenvolvimento das competências pessoais ou organizacionais e metódicas de Deluiz (2001) que estão presentes em 50 % das falas e 38 % das competências cognitivas e muito especialmente o que Deluiz (2001) denomina de competências intelectuais e técnicas, já que há uma mobilidade muito grande de transferência e na generalização de conhecimentos, como vemos na fala que destaca:

Em meu atual trabalho o conhecimento obtido através do curso me levou a uma autonomia, podendo gerir melhor minhas ideias e momentos de liderança junto ao meu grupo de trabalho. Na Spectaculu, tive a oportunidade de olhar mais de maneira crítica para os acontecimentos diários, de ler com "I" maiúsculo a vida, ou seja, de enxergar as pessoas, problemas e situações com outros olhos, com um olhar analítico, questionador. Além de conhecer a arte e ver a arte, não como bonita ou feia, gostei ou não gostei, mas com todo o

significado por trás dela. Sua atitude política, seu confronto direto com a realidade e o seu poder de levar o pensamento para um mundo desconhecido, mas com algumas semelhanças ao mundo conhecido.

(Questionário – Perguntas abertas)

Entre os egressos que estão no mercado no exercício de função diretamente ligada à formação recebida, são 58% que têm nas competências produtivas ou nas competências intelectuais e técnicas sua maior contribuição.

Quando se questiona as contribuições para a vida pessoal, os egressos apresentam situações práticas, mas também apresentam situações relacionadas ao trabalho como, por exemplo: “em situações de emergência em um trabalho, como o flash parar de funcionar e lembrei-me de tudo que meu professor falava”.

Também para o mundo, um egresso coloca “a questão do olhar atento, tanto falado na fotografia, me ajudou a ter uma nova visão de vida, às pequenas coisas do dia a dia” ou ainda “a maneira de observar as coisas que acontecem ao meu redor e forma de conviver com as pessoas, enxergo o mundo procurando a beleza que cada coisa tem”. Consideramos que os limites do aprendizado ultrapassam o olhar somente técnico de acordo com o categorizado.

Para Ferreti (2004), a educação profissional que produz a visão técnica com perspectiva essencialista está contida dentro da ação educativa com perspectiva analítico-crítica, justificando que o olhar técnico pode ser tido como complementar e não como foco único. Para o autor, as perspectivas não são antagônicas, mas podem e devem ser complementares.

Quando também se questionam os resultados, os egressos exemplificam com uma demonstração prática, como fizeram quando se questiona a prática na vida pessoal, podendo então se inferir que há visão de práxis das competências, porque, de certa forma, a teoria não se dissocia da prática no que o egresso coloca como fator de contribuição.

Na visão do egresso, a construção do processo de cidadania, após os processos de educação, a categorização fica associada a ter direitos e deveres (38 respondentes – 50%) e respeitá-los no âmbito social, e a contribuição que a ONG deu na formação é ensinar respeito a esses direitos e deveres, mas não clarifica quais são, pois, quando são questionados sobre essa prática de cidadania na vida

profissional, os egressos se confundem e terminam generalizando o conceito para o meio social somente, não conseguindo dar uma aplicabilidade, ou uma práxis, ou ainda a demonstração do desenvolvimento das competências políticas, conforme Deluiz (2001).

Sobre o nível de reconhecimento dos egressos, sobre a contribuição do curso para sua formação, eles declaram que reconhecem a formação como decisiva para a carreira deles - somente 5 egressos não reconhecem a contribuição. Ressalto que a contribuição recebida sempre é indicada no desenvolvimento profissional, abordando a qualificação profissional na visão produtiva, tal como aponta Singer (1996) com a perspectiva técnica de Ferreti (2004).

Quando se questiona o que receberam de mais importante, a maioria responde que foram as relações, o “networking”, os contatos e os amigos feitos, ficando secundarizada a formação recebida, já que essa formação tem como objetivo principal a inserção no mercado, e quando não acontece, o egresso tende a valorizar outros pontos.

Considerações finais

De acordo com os objetivos desta pesquisa, procuramos seguir uma revisão de literatura baseada nos conceitos de qualificação profissional, terceiro setor, competências, cidadania e educação não formal. Nessa revisão, elucidamos o equívoco em aproximar o conceito de sociedade civil e terceiro setor sem uma leitura mais crítica, e a escolha desse percurso teórico por ser o nosso objeto uma ONG, que busca desenvolver competências através da educação não formal que visa à construção de senso de cidadania e qualificar profissionalmente seus alunos.

Ao investigar junto à coordenação pedagógica da ONG as categorias teóricas que orientassem o seu trabalho, verificamos a falta de uma definição clara e precisa pela ONG dos conceitos centrais apresentados nessa pesquisa, e ainda que esse fato traz um prejuízo para o acompanhamento do egresso, de sua evolução e inserção social, porque se não há claramente uma definição conceitual, não se pode avaliar e acompanhar os resultados pela falta de parâmetros.

No que tange o conceito de terceiro setor, Montaño (2005) ressalta que há apropriação do um conceito de sociedade civil como equivalente ao de terceiro setor, e partindo do princípio que o espaço de luta de classes fica inexistente, já que a ONG em tela se preocupa em dar uma formação focada prioritariamente para o mercado de trabalho. Colocam-se num plano secundário os aspectos referentes à cidadania que foram descritos pela própria coordenação, também sem uma delimitação conceitual realizada pela própria ONG.

No que se refere à qualificação profissional, esta pesquisa compartilha o pensamento de Singer (1996) sobre uma qualificação que defenda a formação total do homem dentro de um espaço democrático. Ficou constatado que a ONG se dedica a uma formação mais próxima da visão produtivista que se afina com a concepção de educação profissional que serve para inserção do indivíduo nos meios de produção, embora não descarte outros propósitos da ação educativa, mas sua ênfase está na obtenção de posição do egresso no mercado de trabalho.

Apoiamos a multidimensionalidade da qualificação profissional nesse trabalho, e a ONG se posiciona frente a um processo de qualificação num âmbito mais restrito relacionado somente ao mercado. Dessa forma, a ONG acaba pervertendo sua função na sociedade civil, na perspectiva de Montaño (2005), já que auxilia na formação específica para o mercado, sem se colocar como crítica às questões sociais relativas a formação e a educação profissional.

Verificamos que o conceito de competências é usado de forma superficial, como uma falácia, afastado realmente dos processos de formação e da possibilidade de observação de sua práxis. Dessa forma, acaba colocando o egresso num caminho em que ele só será visto como cidadão e com êxito após sua inserção social através do trabalho.

Na ausência de metodologia própria de avaliação, a ONG acaba utilizando métodos formais de avaliação nos processos não formais, descaracterizando a própria educação não formal, que prevê até ausência ou em alguns casos uma avaliação mais participativa de seus alunos.

Quando se questiona o egresso, vimos que o mais importante foi sempre o ambiente de convivência, o campo das relações que se configurou durante o curso, sendo esse o lado positivo, mas um espaço de formação é muito mais do que um

espaço de construção de relações, e deve ser visto como um espaço de desenvolvimento daquilo que o itinerário formativo se propõe a fazer.

O egresso não avalia de forma positiva o curso, porque talvez a famosa inserção profissional no mundo dos espetáculos não exista como é prometido no seu ingresso, e conforme o comentado pela coordenação, a primeira ação junto ao egresso é a “desglamorização” das funções relacionadas à arte, colocando o egresso como um trabalhador unicamente braçal, onde a própria expressão “ser criativo” é posta de lado.

Por outro lado, consideramos também que, durante o seu percurso formativo, os alunos recebem informações importantes para a sua formação, que estão satisfeitos com a carga horária, mas esperam que possam colocar em prática aquilo o que se ensina, já que se orienta que a única possibilidade de se ter disciplina, de se ter inserção e reconhecimento é após sua entrada no mercado de trabalho, e isso não acontece.

Na formação de cidadãos, verificamos que os egressos não têm uma noção clara de cidadania, restringindo este conceito como uma prática relacionada à política eleitoral, e deixam de lado direitos e deveres ligados ao mundo do trabalho, às políticas públicas, aos movimentos sociais, já que não se contemplam as competências políticas nos processos formativos da ONG.

O estudo contribui para que a ONG em questão possa construir seu projeto pedagógico de forma que possa acompanhar o desenvolvimento dos egressos no que tange à construção orientada pela parceria com o Instituto Ayrton Senna, e que seu egresso seja acompanhado de forma mais metodológica e eficaz, e inserir disciplinas em que se obtenha o conhecimento relativo ao desenvolvimento das competências políticas.

Para futuros estudos, acreditamos ser necessário o desenvolvimento de metodologia específica que possa dar reconhecimento, validação e certificação às competências ou dos resultados obtidos pela ONG.

A metodologia proposta para novos estudos é formada pela criação de um instrumento de avaliação das competências previstas no projeto pedagógico que deve ser construído por um método exclusivo da educação não formal, onde se propicie a participação dos alunos na construção de planos de trabalho em que se foque o

desenvolvimento de competências possíveis de avaliação e posterior acompanhamento da práxis dessa competência durante a utilização dos conhecimentos obtidos na vida dos egressos sem se preocupar unicamente com uma formação profissional, e sim com uma formação ampla e crítica.

Referências bibliográficas

ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovanni. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. *Educação e Sociedade*, v. 25, n. 87, p. 335-351, 2005.

CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Petrópolis: Vozes, 1998.

CATTANI, Antonio David. *Trabalho e tecnologia: dicionário crítico*. Editora Vozes, 1997.

DELUIZ, Neise. Qualificação, competências e certificação: visão do mundo do trabalho. *Formação*, Brasília, v. 1, n. 2, p. 5-15, 2001.

DELUIZ, Neise, GONZALEZ, Wânia, NOVICKI, Victor. Sociedade Civil e as políticas de educação de jovens e adultos: a atuação das ONG do Rio de Janeiro. *Educação e cultura contemporânea*, Rio de Janeiro, V.3 nr.5, p-123-137, 2006.

FERRETI, Celso João. Considerações sobre a apropriação das noções de qualificação profissional pelos estudos a respeito das relações entre trabalho e educação. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 25, n. 87, p.401-422, MAI/AGO 2004. Semestral.

GOHN, Maria da Gloria. *Educação não formal e o educador social: Atuação no desenvolvimento de projetos sociais*. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2010. .

HOBBSAWN, E. *Era dos Extremos – O Breve Século XX – 1914 1991*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

KUENZER, A. Z. Competência como práxis: os dilemas da relação entre teoria e prática na educação dos trabalhadores. *Boletim Técnico do SENAC*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, jan./abr. 2003.

MONTAÑO, Carlos. *Terceiro setor e questão social: crítica ao padrão emergente de intervenção social*. São Paulo: Cortez, 2005.

POCHMANN, M. *O trabalho sob fogo cruzado: Exclusão, desemprego e precarização no final do século*. São Paulo: Editora Contexto, 2002.

RIZZINI, I.; CASTRO, M.R.; SARTOR, C. D. *Pesquisando... Guia de metodologias de pesquisa para programas sociais*. Rio de Janeiro: Editora Universitária Santa Ursula, 1999.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SINGER, Paul. Poder, Política e Educação. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, SP, n.1, jan./abr. 1996. Disponível em: <www.anped.org.br/rbe/rbedigital/.../rbde01_03_paul_singer.pdf>. Acesso em: 13 maio 2011.

SPETACULU, Escola Fabrica de Espetáculos. *documento interno*. Rio de Janeiro, RJ, 2009.